

INCLUSÃO ON-LINE: o uso do blog em uma escola do campo como espaço virtual de aprendizagens colaborativas.

Amanda Pereira da Silva Azinari¹

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira²

RESUMO

Este texto apresenta reflexões sobre a educação do campo tendo como enfoque o uso das tecnologias digitais *on-line* em uma escola do campo localizada na comunidade da Catuaí, no município de Juara, Mato Grosso. Trata-se de algumas experiências realizadas com professores, secretaria, direção e alunos no que tange à criação de páginas na internet com o uso do *blog*, com a intenção de possibilitar às pessoas daquela comunidade momentos de formação para o uso das tecnologias digitais enquanto ferramenta de comunicação, interação e aprendizagens colaborativas entre escola e comunidade e, ainda, colaborar com a inclusão à cibercultura.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do campo; Inclusão digital; Cibercultura.

1 Professora Especialista em Educação e Diversidade e em Gestão Pública, realiza pesquisas relacionadas à educação e movimentos sociais do campo. Atua como professora do curso de Pedagogia da Unemat, *campus* de Juara-MT, e como colaboradora do Projeto de Extensão “Em busca de novos talentos na escola do Campo: educação e meio ambiente”, amandaps_jra@hotmail.com.

2 Professora Dra. do Curso de Pedagogia do *Campus* de Juara. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos e Pesquisas da Diversidade da Amazônia Legal (LEAL). Coordenadora Institucional do Projeto Novos Talentos Em Educação, Meio Ambiente e Diversidade no Vale do Arinos-MT.

ABSTRACT

This paper presents reflections on rural education, focusing the use of digital technologies online in a field school located in the Catuaí community, in the municipality of Juara, Mato Grosso. These are some experiences accomplished with teachers, department, direction and students, regarding the creation of web pages using the *blog*, with the intention of giving the people of that community moments of training for the use of digital technologies as a tool of communication, interaction and collaborative learning between school and community, and still cooperate with the inclusion of cyberculture.

KEYWORDS: Rural education; digital inclusion and cyberculture.

Introdução

Temos presenciado a inclusão das tecnologias em todas as obrigações da vida cotidiana, seja no trabalho, na maneira de ter acesso às notícias, nos relacionamentos interpessoais, na escola.

Sabemos que essa crescente inclusão das tecnologias nos mais variados espaços sociais não se deu aleatoriamente, mas provocada pela Revolução Industrial ainda no séc. XIX, com a mecanização principalmente dos meios de produção, acelerando os processos produtivos e, em consequência, aumentando significativamente o lucro de quem possuía o acesso a esses meios tecnológicos, a classe burguesa.

Deste período até a contemporaneidade, muita coisa mudou. As tecnologias têm evoluído e as relações sociais se transformado. Com o acesso à internet, temos nos comunicado quase que diariamente via transmissão de dados em fração de segundos. O que antes era realizado via correspondência impressa, ou pela TV, passou a ser realizado ora pelo e-mail, e depois pelas redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *MSN*, *WhatsApp*.

Ao dialogar com a escola do campo intermediada pelo projeto de extensão “Em busca de novos talentos na escola do Campo: educação e meio

ambiente”³, percebemos a necessidade de “conectar”⁴ a comunidade escolar à *cibercultura*.

Esta ação propôs valorizar a identidade do campo ao possibilitar momentos de reflexão sobre o uso das tecnologias digitais, o *blog*, como proposta para potencializar a aprendizagem de alunos e professores e, ainda, dar visibilidade aos problemas e soluções que a comunidade enfrenta.

Inclusão digital e cibercultura: do que estamos falando?

Vivenciamos há algumas décadas crescentes mudanças nas relações sociais, econômicas e culturais, tendo como pano de fundo as influências das tecnologias que têm dominado os mais variados espaços em âmbito mundial.

No cenário tecnológico encontramos os espaços virtuais de troca de informações, sejam comerciais ou pessoais, e que Levy (1999) preferiu chamar de *ciberespaço*. Este apresenta-se com uma infinidade de possibilidades quando o assunto é comunicação e interação.

O ciberespaço só foi permitido pelo fato de que as

[...] informações são processadas e transmitidas pela “teia” social e se tornam um insumo importante para o controle, para o acesso e para o poder. Tudo isso somente possível no final do século XX, quando o desenvolvimento científico e, sobretudo, a infraestrutura tecnológica possibilitou a comunicação em rede. (CASTELLS *apud* SÁ, 2011, p. 4).

3 Projeto aprovado pelo Edital 007/2012 Proec, financiado pela Fapemat.

4 A escola já possui Laboratório de Informática com conexão à internet e conta com 10 computadores em pleno funcionamento. O laboratório de informática está ativo desde 2012. Estes computadores só foram possíveis devido aos recursos da própria escola, que vinha desde 2011 comprando os equipamentos, mas devido aos raios, que queimaram grande parte dos computadores, a escola precisou aguardar o início de 2012 para concluir o laboratório. (dados fornecidos pelo Diretor da escola).

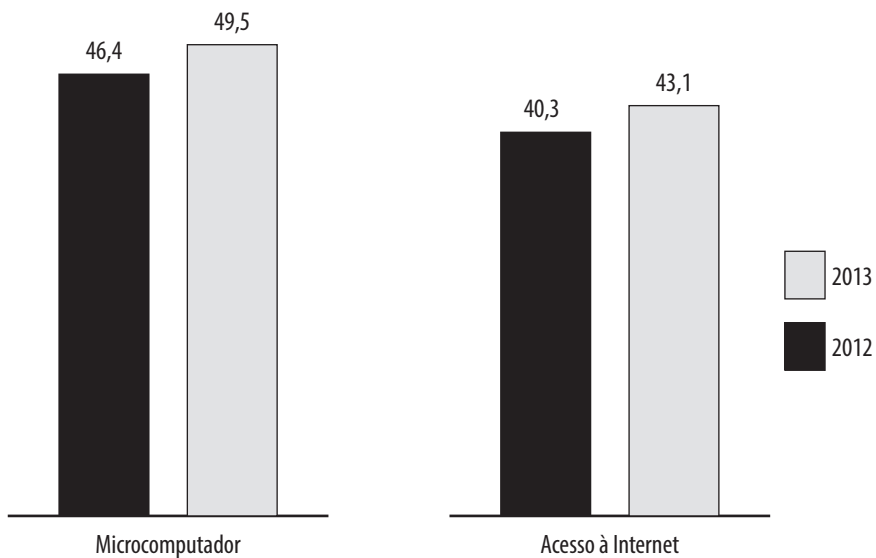
A história destas invenções nos chama a atenção para questões mais voltadas ao consumo, dominação e poder. Contudo, vemos que podemos usá-las a favor das classes excluídas, como é o caso dos povos do campo, que foram expulsos de suas terras pela substituição da mão de obra pelas máquinas agrícolas, e ainda da forma de distribuição desigual da terra.

Assim, entendemos que “o ciberespaço também pode ser colocado a serviço do desenvolvimento individual ou regional, usado para a participação em processos emancipadores e abertos de inteligência coletiva”. (LEVY, 1999, p. 221).

Nesse caminho é que acreditamos que a inserção das tecnologias digitais na escola do campo faça parte também do processo de inclusão digital ao mundo da cibercultura, pois não podemos negar mais este direito aos que foram excluídos de todos os projetos econômicos, políticos, culturais e sociais, pois “há povos desfrutando dos mais diversos aparatos, frutos da mais alta tecnologia, enquanto outros podem ter sua realidade comparada a de povos primitivos”. (COX, 2003, p. 15).

A realidade apresentada por Cox se confirma quando analisamos o acesso ao computador e à internet, que ainda não estão disponíveis para todos em nosso país, mas que têm crescido a cada ano. Esse crescimento pode ser evidenciado pelos dados recentes, os quais mostram que o acesso aos microcomputadores e à internet tem aumentado em nosso país e que, dentre as tecnologias digitais mais comuns à população brasileira, está o uso do computador e o celular. Isto é verificado pelos dados do último Pnad/2014⁵, quando apresenta que apenas na telefonia móvel houve um acréscimo de 34,6 milhões de novos usuários, e na aquisição de microcomputador um aumento de 8,8%, o que significa um total de 32,2 milhões novos usuários. Evidenciamos ainda que 43% dos brasileiros possuem acesso à internet, tendo um aumento de 28 milhões em relação ao ano de 2012.

5 Dados do IBGE, que compara por amostra de domicílio, tendo como anos-base 2012 e 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.



Fonte: IBGE (2014).

Esses dados nos alertam para o fato de que o poder de compra também aumentou, já que ter um microcomputador e acesso à internet tem custos elevados à população, uma vez que a internet ainda não é uma realidade em todos os territórios de nosso país.

O acesso a estas tecnologias é um dos desafios que nossos governos precisam contemplar em suas propostas através da implementação de políticas públicas efetivas. A escola aparece neste cenário de universalização do acesso a essas tecnologias, já que os mesmo dados do Pnad/2014 revelam que mais de 98% das crianças estão na escola.

A possibilidade de se conectar à rede mundial de computadores alerta para o fato de que a comunicação em rede tem se superado a cada instante, inclusive com a comunicação *Wi-Fi*, que é uma conexão sem fio à qual nos conectamos em segundos via celulares, *smartphones*, *notebooks*, *tablets*, de qualquer lugar do mundo. Com isso temos evidenciada uma ruptura nos modelos de organizar a sociedade, tanto no trabalho, realocando os papéis sociais, através da colaboração e participação em processos antes fechados em quatro paredes do chefe, e ainda na própria escola, já que

As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas como nas escolas. (LEVY, 1999, 172).

O autor nos avisa de que o *ciberespaço* nada mais é do que este mundo virtual das redes sociais que nos oferece maneiras de nos relacionar virtualmente, sem a presença física das pessoas. E se o espaço das relações sociais tem sido alterado, com certa clareza o mesmo autor, assevera que vivemos, então, em um momento dominado pela *cibercultura*. (LEVY, 1999).

Mais do que lançarmos mão das “tediosas aulas” (COX, 2003), estamos assumindo o papel diante de uma geração de pessoas que têm sido protagonistas que, mediadas pelo mundo digital, têm a possibilidade de se identificar com grupos antes silenciados. E, com isso, possibilitarmos “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético, e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. (FREIRE, 1987, p. 35).

A partir desta dimensão, coloca-se em questão inclusive o papel dos professores neste processo, já que, com as informações disponíveis a um clique, o papel docente sofre, também, alterações. O professor já não poderá ser aquele que ainda prefere acreditar que o aluno é sempre algo “vazio”. Quando o assunto são as tecnologias, jogos, entre outras ferramentas da web, os alunos trazem consigo, talvez, mais experiências que os próprios professores e, diante deste contexto, exigem mudança de postura frente aos desafios que essas tecnologias impõem.

Para Valente, “O computador pode ser também utilizado para enriquecer ambientes de aprendizagem e auxiliar o aprendiz no processo de construção do seu conhecimento”. (VALENTE, 1999, p. 1).

No ciberespaço, “destaca-se que as tecnologias digitais *on-line* é que possibilitam este processo de aprendizagem via cooperação” (BASSO *et al.*, 2013, p. 142), e potencializam o desenvolvimento da autonomia, pois podem provocar nos alunos momentos de buscas, pesquisas, de forma autônoma, coletiva e cooperativa.

As tecnologias e a educação do campo: uma relação conflituosa, mas necessária

Ao realizar um breve recorte histórico, compreendemos que o processo de colonização de nosso país foi extremamente excludente, massacrante e covarde. Primeiro o aprisionamento do corpo e da cultura dos indígenas, logo a escravidão e, em seguida, a expulsão e escravização dos camponeses, ao iniciar a implantação das tecnologias no campo, na década de 1940, que ficou conhecida como a “Revolução Verde”, na tentativa de mecanizar a agricultura com o discurso de acabar com a fome mundial, quando na verdade desempregou e expulsou milhares de famílias que trabalhavam e moravam no campo.

Desde o início o povo do campo teve forte influência das tecnologias em suas vidas, inclusive tirando seus sustentos, pois alterou os modos e meios de produção sem dar mínimas condições para que eles adquirissem tais tecnologias.

Ainda assim, muitas famílias lutaram, resistiram e morreram através dos movimentos sociais do campo, vindo a conquistar alguns direitos, como é o caso do acesso à terra evidenciada na Constituição Federal de 1988.

Com muita luta chegamos ao que hoje se denomina *Educação do Campo*, que passou por momentos de tensão, de resistência e sacrifícios, liderados pelos movimentos sociais do campo, inclusive o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra –, que foi imprescindível para o empoderamento dos camponeses aos seus direitos. A própria nomenclatura “Educação do Campo” nos revela que a “Educação Rural”, como era conhecida a educação das “escolinhas rurais”, não conseguiu atender aos povos do campo, porque se tinha uma visão de que o povo do campo não precisava de nada além da enxada.

Com a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998, é que se estabeleceu uma mudança no campo conceitual, e a partir daí é que deu-se início a novos rumos à então “Educação do/no Campo”. (MORISAWA, 2001).

A educação destinada às escolas do campo sempre esteve em último plano para todos os governos, e esta ausência é manifestada através da falta de políticas públicas para o campo, e se revela, sobretudo ao consta-

tarmos que os maiores índices de reprovação, evasão e abandono escolar estão no campo.

Estas, entre outras defasagens, foram motivo para denúncia dos movimentos sociais do campo na II Conferência Nacional por uma Educação do Campo, realizada em Luziânia-GO, em 2004, quando reforçaram que “faltam escolas para atender a todas as crianças e jovens; falta infraestrutura nas escolas e ainda há muitos docentes sem a formação necessária; os mais altos índices de analfabetismo estão no campo” (2004, p. 01).

Por esses e tantos outros motivos, vemos que os movimentos sociais tiveram o protagonismo nos avanços alcançados. Devido à pressão e articulação é que foi possível estabelecer os critérios e organizar as demandas através de documentos, conferências, encontros, o que resultou em diretrizes e políticas públicas para o atendimento às necessidades dos povos do campo. Dessa maneira, observamos que a formação dos professores para atuar no campo precisa apresentar, dentre outras questões,

II – propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas. (BRASIL, 2001, p. 25).

Essas propostas chegarão ao chão das escolas do campo na medida em que a formação do professor estiver à frente das propostas educacionais, haja vista que os professores sempre foram excluídos da elaboração dos programas educacionais, que geralmente aconteciam nas salas das secretarias de educação de forma fechada, e quando muito foram obrigados a aceitarem políticas impositivas e desconectadas da identidade camponesa.

Nóvoa (2007) reforça a ideia de que os professores foram, por muito tempo, excluídos dos processos educacionais, e afirma que

Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção da aprendizagem, mas também no desenvolvimento de processos de integração que respondam aos desafios da diversidade e de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias. (NÓVOA, 2007, p. 2).

Os professores do campo emergem de formação que, antes de responder às demandas atuais, possam ser capazes de questionar a finalidade dessas tecnologias, apropriando-se de conceitos e alternativas pedagógicas a fim de solucionar problemas de aprendizagem de seus alunos.

O uso do blog na Escola Municipal Rui Barbosa⁶: interface com o projeto “Em busca de novos talentos na escola do campo: educação e meio ambiente”

A proposta da educação do campo é que esta possibilite aos seus sujeitos se identificarem com o espaço em que vivem, e a escola, sendo parte integrante do campo, desenvolver seu papel educativo e social na medida em que oportuniza a seus alunos e alunas, momentos de aprendizagem com significados, aprendizagem para vida.

Nesse caminho, o projeto de extensão “Em busca de novos talentos na escola do campo: educação e meio ambiente” aparece numa perspectiva de motivar o diálogo entre escola e universidade, fazendo acontecer uma *Pedagogia do movimento*. (CALDART, 2004).

Para a mesma autora, uma *Pedagogia do movimento* ultrapassa a transmissão dos conteúdos aos alunos; ela os vê como sujeito de direitos e, ainda, sujeitos pedagógicos e em movimento constante.

Partindo desses pressupostos, propomos momentos formativos com os professores e alunos para a construção de *blogs* na escola. O *blog* funciona assim como outros espaços *on-line*, como o *Facebook*, o *Twitter*, o *MSN*.

Pode-se dizer que é uma ferramenta digital disponível na internet que permite a publicação cronológica de conteúdos, como se fossem páginas de um jornal. Essa ferramenta permite que o administrador do *blog* poste: figuras, fotografias, links, vídeos etc. (SÁ, 2011, p. 10).

6 A Escola Municipal Rui Barbosa está localizada a 30 km do perímetro urbano do município de Juara-MT, e disponibiliza o ensino fundamental de nove anos. Atende cerca de 70 crianças da comunidade de Catuaí e de outras comunidades próximas. Conta com sete professores com nível superior e com especializações, com uma secretária, uma TDI para sala de recurso, uma merendeira e um apoio (dados fornecidos pelo Diretor).

Mais do que um administrador postar algo, nossa proposta foi ancorada numa perspectiva de autonomia, colaboração e cooperação entre alunos e professores na tentativa de que compreendessem aquele espaço virtual como forma de aprender e ensinar colaborativamente.

O ideal mobilizador da informática não é mais a inteligência artificial (tornar uma máquina tão inteligente quanto, talvez mais inteligente que um homem), mas sim a *inteligência coletiva*, a saber, a valorização, a utilização, a otimização e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais, qualquer que seja sua diversidade qualitativa e onde quer que esta se situe. Esse ideal da inteligência coletiva passa, evidentemente pela disponibilização da memória, da imaginação e da experiência, por uma prática banalizada de troca de conhecimentos, por novas formas de organização e de coordenação flexíveis em tempo real. (LEVY, 1999, p. 167).

O autor nos convida a repensar o uso da informática para além de questões técnicas, ou de robotizar o mundo, mas nos chama a atenção a pensá-la enquanto possibilidade de construção do conhecimento de forma mútua, em que as várias competências humanas são postas, exigidas e desenvolvidas a partir de processos de interação entre os pares, não apenas com a máquina.

Para Basso *et al.* (2013, p. 143),

A cooperação como uma interação requer a formação de vínculos e de reciprocidade afetiva entre os sujeitos do processo de aprendizagem, no qual estas interações são as interindividuais, que possibilitam a modificação do sujeito na sua estrutura cognitiva e do grupo como um todo, como um sistema de interações, e não apenas somativa, assim ocorrendo a construção do conhecimento.

Como a temática do projeto volta-se para a questão ambiental, outras professoras da Unemat que atuam como colaboradoras do projeto, em conjunto com a coordenadora, realizaram outras atividades na escola, como a construção de uma horta, a confecção de bonecas negras, auxiliaram os professores a escreverem artigos para eventos educacionais, entre outras atividades.

Para ampliar nossa relação e interação com a escola, realizamos no Laboratório de Informática⁷, em primeiro momento, um dia de atividade relacionada ao *blog*, com os professores e o diretor. Este foi um momento de troca de experiências em que pudemos trazer algumas questões pertinentes ao uso das tecnologias, quando questionamos se os professores estavam familiarizados com os computadores e se os utilizavam em suas aulas. Responderam coletivamente que tinham desejo de trabalhar com o computador em suas aulas, mas que possuíam dificuldades de operacionalizá-lo.

No entanto, nosso papel não foi apenas o de auxiliar num processo de aprendizagem do *blog* entre os professores, mas o de problematizar o uso dessas tecnologias para que atendam às necessidades de aprendizagem dos alunos, principalmente.

Com o uso de um aparelho de *datashow*, foi possível levar um passo a passo de como criar um blog. Cada professor dirigiu-se a uma máquina e criou um blog individualmente, com a finalidade de aprender a utilizá-lo. E, em seguida, propomos a criação de um *blog* para a escola, observando a possibilidade de todos serem autores no espaço virtual.

Um dos blogs criados que nos chamou a atenção foi o de uma professora que é mãe de um aluno especial. Ela nos relatou que foi importante realizar esta atividade, pois sempre teve desejo de fazer um blog para compartilhar com outras famílias as dificuldades e avanços pelos quais seu filho passava. Ela ainda afirmou que viu o blog de uma mãe cujo filho tinha as mesmas dificuldades que o seu, e que um dia ela gostaria de fazer o mesmo, mas não sabia como.

Em outro momento fomos à escola desenvolver a atividade do blog com uma turma de alunos do 4º e do 5º ano do ensino fundamental. Neste dia realizamos, em conjunto com o professor da turma, a realização de história em quadrinhos com o Hagaque. Os alunos foram motivados anteriormente pelo professor a desenvolverem poesias sobre o lugar onde vivem. Essas poesias foram reunidas em uma espécie de livro impresso, encadernado pela própria escola e disponibilizada uma versão a cada aluno.

7 No Laboratório de Informática há 10 computadores em pleno funcionamento, 1 televisão, 1 vídeo, 1 *datashow*, 1 caixa de som, e conexão com internet.

Nesta atividade, dialogamos com as crianças sobre a utilidade de um blog e se conheciam o ambiente. A maioria das crianças respondeu que só ouviu a mãe, ou irmã, mexer, mas que, como não tinham computador em casa, não tiveram acesso.

Assim, cada criança criou sua história em quadrinhos a partir da poesia. Elas foram auxiliadas por nós e pelos próprios colegas de sala. Alguns dominavam a ferramenta, e outros não sabiam nem ler.

Quando o aluno usa o computador para construir o seu conhecimento, o computador passa a ser uma máquina para ser ensinada, propiciando condições para o aluno descrever a resolução de problemas, usando linguagens de programação, refletir sobre os resultados obtidos e depurar suas ideias por intermédio da busca de novos conteúdos e novas estratégias. (VALENTE, 1999, p. 2).

Ao acompanharmos as crianças nos momentos de criação das histórias em quadrinhos, em alguns casos elas inseriram pequenas frases oriundas da poesia. Quando encontrávamos algo digitado errado, perguntávamos se era daquela forma que se escrevia aquela palavra. Os alunos liam, reliam, pediam para os colegas lerem, até encontrarem o erro. Em nenhum momento apontamos erros, apenas questionávamos se estava certo daquela forma.

Os softwares utilizados podem ser os softwares abertos de uso geral, como as linguagens de programação, sistemas de autoria de multimídia, ou aplicativos como processadores de texto, software para criação e manutenção de banco de dados. Em todos esses casos, o aluno usa o computador para resolver problemas ou realizar tarefas como desenhar, escrever, calcular, etc.. A construção do conhecimento advém do fato de o aluno ter que buscar novos conteúdos e estratégias para incrementar o nível de conhecimento que já dispõe sobre o assunto que está sendo tratado via computador. (VALENTE, 1999, p. 2).

Após a criação das histórias, criamos um blog⁸ para a turma, e discutimos o que poderia estar no blog, como fotos, vídeos, poesias, músicas, textos, desenhos e o que mais os interessassem.

[...] o uso do computador na criação de ambientes de aprendizagem que enfatizam a construção do conhecimento apresenta enormes desafios. Primeiro, implica em entender o computador como uma nova maneira de representar o conhecimento, provocando um redimensionamento dos conceitos já conhecidos e possibilitando a busca e compreensão de novas ideias e valores. Usá-lo com essa finalidade requer a análise cuidadosa do que significa ensinar e aprender bem, como demanda rever o papel do professor nesse contexto. (VALENTE, 1999, p. 2).

Concordamos com Valente quando ele alerta para a necessidade de revermos nossos posicionamentos e a compreensão do que é aprender. Não adianta levarmos as mais modernas ferramentas tecnológicas para a escola se temos dificuldade em compreender como nosso aluno aprende. É por isso que o papel do professor precisa ser repensado nos cursos de formação inicial e continuada. Pois se temos esta dificuldade, nem o livro didático, nem a tela digital, nem os *softwares* educativos, nem as redes sociais vão responder aos anseios que a humanidade traz.

Considerações finais

Nossa participação nesses momentos formativos foram importantes tanto para a escola como para nós. Para apresentarmos um diagnóstico mais apurado sobre os resultados dessas atividades, demandaríamos de um trabalho mais intenso na escola. O que de fato não foi a nossa intenção.

A principal intenção foi a de permitir que a escola e todos os seus sujeitos criassem um espaço virtual de aprendizagens, que também servisse para divulgar as atividades que a escola tem desenvolvido, já que o trabalho

8 Disponível em: <<http://estrelasdaescola.blogspot.com.br>>.

dos professores, da gestão, muitas vezes não é reconhecido e muito menos valorizado.

Para nós, as experiências de aproximação entre escola e universidade nos fazem refletir sobre quais as demandas da sociedade atual e, ainda, que professores estamos formando? Para que alunos? Em quais realidades e condições?

Com as leituras e reflexões sobre este mundo perverso e necessário das tecnologias, percebemos que “as universidades e, cada vez mais, as escolas primárias e secundárias estão oferecendo aos estudantes as possibilidades de navegar no oceano de informação e de conhecimento acessível pela Internet. (LEVY, 1999, p. 170).

Isto tem nos inquietado e, ao mesmo tempo, temos percebido que a mudança está aí, e que somos responsáveis por não nos adaptarmos à ela. Devemos refletir, repensar e questionar sobre como podemos utilizar esses recursos a favor de nossos alunos, de como podemos pensar em práticas que potencializem e despertem o sentimento de colaboração entre as pessoas.

Essas são questões que, longe de tentar respondê-las com estas experiências apresentadas, pensamos em trazer ao debate um povo esquecido e que está disposto a lutar por uma escola digna para sua comunidade, porque entendem que a escola não faz parte de um projeto apenas educacional, mas um projeto que pensa a existência.

Referências

BASSO, Marcus Vinícius de Azevedo *et al.* *Redes sociais: espaço de aprendizagem digital cooperativo*. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 18, n. 1, p. 135-149, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download>>. Acesso em: 15 set. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo*. Parecer 36/2001.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do movimento sem-terra*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

COX, Kenia Kodel. *Informática na educação escolar: polêmicas do nosso tempo*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. 21. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

NÓVOA, Antonio. *O regresso dos professores*. Texto apresentado à Conferência “Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da aprendizagem ao longo da vida”. Lisboa, Parque das Nações – 27 e 28 de setembro de 2007.

SÁ, Ricardo Antunes de. Ferramenta digital (Blog) em Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná. E-book: BARROS, D.M.V. *et al.* *Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas*. Lisboa, 2011.

VALENTE, José Armando. O computador na sociedade do conhecimento. *In: _____*. (Org.). *Informática na educação no Brasil: análise e contextualização histórica*. Campinas, SP: Unicamp/NIED, 1999.